

RESENHA DO LIVRO:

LEIGH, David; HARDING, Luke. **WikiLeaks**: a guerra de Julian Assange contra os Segredos de Estado. Campinas (SP): Verus, 2011.

WIKILEAKS, CIBERATIVISMO E A GUERRA PELA LIBERDADE DE INFORMAÇÃO

Carole Ferreira da Cruz¹

Com a globalização e a ascensão das novas tecnologias de comunicação em rede, surgem formas inéditas de sociabilidade, cidadania e ação política. O advento da Internet faz com que a veiculação de notícias e opiniões, os grandes debates públicos e a mobilização social passem de um modelo de mídia de massa uniforme, impessoal, descendente e monológico (THOMPSON, 2008 p.79) para outro patamar: formado por redes de produção de conteúdo organizadas horizontalmente, livres, autônomas, com um poder de alcance instantâneo e sem o crivo dos gatekeepers .

O engajamento político está delineado num cidadão constituído na apropriação de ferramentas com uma interface acessível, de baixo custo e democrática. Expandiram-se as formas de resistência e surgiram novos ativismos (ciberativismo , hacktivismo) na tentativa de buscar soluções para os desafios da vida coletiva e lutar por mudanças. A partir da análise de um livro-reportagem sobre a organização Wikileaks, pretendemos refletir sobre os mecanismos de resistência e atuação contra-hegemônica no contexto das redes abertas pelas tecnologias digitais.

Em *WikiLeaks: a guerra de Julian Assange contra os Segredos de Estado* (2011, 336 p.), os repórteres investigativos do jornal *The Guardian*, David Leigh e Luke Harding, contam os bastidores do maior vazamento da história, que revelou ao mundo detalhes obscuros da diplomacia mundial e das guerras do Afeganistão e do Iraque. O feito sem precedentes é uma combinação de jornalismo investigativo e ciberativismo em defesa da transparência - algo só

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe, com formação em jornalismo e especialização em História Contemporânea e em Jornalismo e Crítica Cultural pela Universidade Federal de Pernambuco. É integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET) e editora dos Cadernos do Tempo Presente.

comparável à revelação de arquivos sigilosos sobre a Guerra do Vietnã em 1971, conhecida como Papéis do Pentágono.

Apoiada nos pressupostos da liberdade de informação e em conhecimentos avançados sobre informática e criptografia, a organização WikiLeaks - justaposição do termo wiki, em referência à ideia de cooperação digital da Wikipédia, e leak, que significa vazar, em inglês - foi pioneira no uso da tecnologia digital para desafiar, inicialmente, estados autoritários e corruptos e, mais recentemente, o poder estabelecido dos governos, grandes corporações e instituições envolvidas em práticas antiéticas e comprometedoras. A entidade foi criada em 2006 pelo hacker, criptógrafo e ativista Julian Assange, mas só em 2010 se tornou uma plataforma de notícias e revelações online conhecida internacionalmente.

O livro detalha como uma base de dados com mais de meio milhão de documentos confidenciais produzidos pelo Departamento de Estado e o Exército norte-americanos acabou nas mãos da imprensa mundial. A divulgação em massa foi resultado de uma complexa parceria entre a WikiLeaks, os jornais The Guardian, The New York Times, Le Monde, El País e a revista alemã Der Spiegel. Mais tarde, outros veículos entraram no acordo para fazer uma cobertura localizada dos conteúdos dos telegramas diplomáticos, como a Folha de São Paulo e O Globo. Essa parceria revelou-se estrategicamente válida para dar credibilidade ao vazamento e evitar maiores implicações contra os membros da organização.

A ascensão vertiginosa da WikiLeaks é mais um sintoma das profundas transformações sociais num mundo cada vez mais interconectado. A Internet surge como a possibilidade de quebrar o monopólio da grande mídia, até então responsável por filtrar, sintetizar e condensar opiniões, discursos e informações de forma hierarquizada, em que poucos têm oportunidade de fala e a disputa pela visibilidade é intensa, num processo de estratificação que privilegia as elites com o poder de voz (HABERMAS, 2003).

Essa nova ordem comunicacional é marcada por espaços virtuais “multi-mídias”, onde as “produções se dão de forma articulada e cooperativa, cujo produto final é exibido de forma pública e livre, para públicos específicos, que ao mesmo tempo são mídias para outros públicos” (ANTOUN & MALINI, 2010, p. 7). A partir de plataformas digitais interativas, “não só os usuários podem conectar qualquer informação antiga que esteja na rede com uma atual; como eles podem determinar o alcance de uma informação atual, replicando-a por diferentes interfaces” (ibid,p.7).

A colaboração e a segurança são aspectos imperiosos para os membros do grupo, que mantêm suas atividades por meio de doações financeiras e sofisticados sistemas criptográficos para trocar informações, preservar seus conteúdos e manter sob sigilo a identidade de parceiros e usuários. A entidade conta ainda com o apoio de hackers no combate às instituições que tentam prejudicá-la.

Após os vazamentos em massa, por exemplo, pressões externas provocaram o fechamento de contas e domínios, impedimento de movimentações financeiras e remoção de servidores por parte de empresas como PayPal, Visa, MasterCard e Amazon. Ocorreram ainda sucessivos ataques de serviços de inteligência contra o site – que resistiu devido à proliferação das redes espelho (cópias com outro endereço). A contraofensiva internauta veio pelas mãos do Anonymous, uma popular rede hacktivista que coordenou ataques contra quem aderiu ao boicote.

TELEGRAMAS DIPLOMÁTICOS E DIÁRIOS DE GUERRA: SUBMUNDO DO PODER

Caso fossem impressores, os cerca de 250 mil telegramas diplomáticos corresponderiam a uma biblioteca com 2 mil livros - algo impensável de analisar, contextualizar e editar sem os recursos da tecnologia digital. A correspondência oficial oferece um mosaico da política do início do século XXI e expõe, sob a ótica estadunidense, crimes, corrupção, pressões, conspirações, negociatas e toda sorte de situações nada éticas e muito constrangedoras envolvendo países dos cinco continentes.

O livro prioriza a narração dos detalhes por trás do grande vazamento, no entanto, destina dois capítulos para biografar e fazer um perfil psicológico dos dois principais nomes de toda essa história: o ativista Julian Assange e o soldado Bradley Manning, apontado como o responsável pelo envio do banco de dados à organização. Outro episódio alvo de atenção na narrativa foi o controverso processo que Assange responde na Suécia sob a acusação de assédio sexual – que o fez ficar desde então em prisão domiciliar na Inglaterra e travar uma luta nos tribunais para evitar sua extradição. Os repórteres se limitaram a descrever os fatos e as diversas versões, mas deixaram escapar, com certa ironia, as falhas na cobertura do caso.

No rol das revelações mais contundentes descritas ao longo do livro-reportagem estão a ordem dos EUA para que seus funcionários espionassem a ONU e a definição da Rússia como um “estado mafioso”, vinculado a atividades como tráfico de armas, lavagem de dinheiro, enriquecimento ilícito, subornos e desvios de dinheiro. Foram citadas ainda estruturas

corruptas no Sudão e crimes envolvendo grandes corporações, como a gigante do petróleo Shell, que teria informantes no governo nigeriano para coletar dados oficiais, e a corporação farmacêutica Pfizer, acusada de chantagear um promotor responsável pela investigação de testes controversos com produtos químicos em crianças com meningite.

O que mais impressiona nos diários de guerra é que os relatos escritos no calor da batalha ajudam a contar a história oculta do conflito. As informações apuradas não batem com as estatísticas oficiais. Organizações independentes, como a ONG Iraq Body Count, estimam em 108.501 o número de civis mortos no Iraque até 2010, contra os 66.081 informados nos relatórios das forças de coalizão dos EUA e da Inglaterra. Os dados são considerados subdimensionados: a contagem começou a ser feita em meados de 2004, mais de um ano após a invasão; os habitantes de locais que receberam ordens de evacuação não tiveram seus civis mortos contados; e vários deles entraram para os registros como “combatentes inimigos”.

O livro-reportagem mostra ainda como os diários de guerra do Iraque expuseram ao mundo uma incômoda contradição: o aumento vertiginoso das torturas após a deposição de Saddam Hussein. A omissão das tropas americanas diante da barbárie conduzida pelas autoridades iraquianas durante a ocupação foi o estopim para encorajar o soldado inconformista, Bradley Manning, a repassar para a WikiLeaks os documentos secretos aos quais teve acesso enquanto servia ao Exército. O soldado está preso numa base no Kansas desde que foi denunciado ao FBI pelo hacker Adrian Lamo, com quem fez confissões desesperadas em conversas no computador.

Esses novos ativismos enquadram-se nas análises de especialistas sobre os movimentos sociais do século XXI. Gohn (2003) observa mudanças nas formas de organização e comunicação, que deixam a clandestinidade e se apóiam nas redes eletrônicas públicas para realizar manifestações não-violentas no mundo online e offline, apoiar causas universais capazes de integrar atores locais e mobilizar cidadãos, sem, no entanto, exigir deles militância permanente. É justamente o que acontece com os inúmeros simpatizantes anônimos da WikiLeaks, que ajudam a manter o site por meio de doações financeiras e da colaboração da rede hacktivista.

Em prisão domiciliar na Inglaterra enquanto responde a acusação de assédio sexual na Suécia, o criador da organização, Julian Assange, tenta resistir às pressões americanas e ao bloqueio das empresas. A intensa campanha de arrecadação de fundos para manutenção das atividades tem sido insuficiente e as publicações foram suspensas temporariamente. Ao

acessar a página, o internauta é convidado a participar da luta pela liberdade de expressão: “(...) Não podemos permitir que corporações americanas decidam como todo o mundo deve usar seu dinheiro (...). Nossas batalhas são caras. E nós precisamos do seu apoio para vencer essa guerra. (...)”.²

REDES ABERTAS: SUJEITO TECNOLOGICAMENTE ATIVO E AUTÔNOMO

Com as transformações em curso, as interações entre sujeito e ambiente mediadas nos contextos digitais assumem as formas dinâmicas e imateriais das redes, em que a gestão das informações e a elaboração dos processos decisórios saem do controle do emissor e fazem do indivíduo um sujeito tecnologicamente ativo e autônomo (MASSIMO, 2008, p. 24). A relação do cidadão com o mundo passa a ser construída colaborativamente, impulsionando um repensar das formas e práticas das interações sociais fora da concepção funcional-estruturalista, baseada em relações comunicativas analógicas (LAZARSFELD; SHANNON-WEAVER; ECO & FABRI).

A partir de estratégias de ação inéditas, aliadas a uma estrutura de funcionamento que torna a organização praticamente imune a ataques legais ou cibernéticos, a WikiLeaks se projeta como um fenômeno do novo ativismo. Os desdobramentos são imprevisíveis e podem recrudescer tentativas de interferência na estrutura não-hierárquica da Internet, de modo a criar um pólo centralizador do fluxo informacional – o que inviabilizaria seu formato horizontal e democrático. O ciberativismo delinea um cenário intrigante, em que a liberdade de informação tende a ser uma das grandes batalhas deste século.

² Endereço do sítio na internet: www.wikileaks.org

REFERÊNCIAS

ANTOUN, H.; MALINI, F.. Ontologia da liberdade na rede: as multi-mídias e os dilemas da narrativa coletiva dos acontecimentos. In: **XIX Encontro da Compôs**, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro, 2010.

GONÇALVES, F.; BARRETO, C.; PASSOS, K., Media activism networking in Brazil: the emergence of new sociabilities and forms of resistance in the internet, In: **Internet Research 9.0: Rethinking community, rethinking place**, University of Copenhagen, 2008.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais no início do século XXI**. Petrópolis: Vozes, 2003.

HABERMAS, Jürgen. **Direito e democracia: entre facticidade e validade**. 2. ed. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro: 2003.

MASSIMO, Di Felice (org). Das tecnologias da democracia para as tecnologias da colaboração. In: **Do público para as redes: a comunicação digital e as novas formas de participação social**. 1ed., São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2008.

ROSAS, Ricardo. Hacktivism: ação direta nas auto-estradas da informação. In: Rizoma.net, 2003. ROSAS, Ricardo. Nome: coletivos, Senha: colaboração. In: **Rizoma.net**, 2003. Disponível em: <http://www.rizoma.net/desenv/interna.php?id=170&secao=intervencao>. Acesso em: 17 de abril de 2012.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Ed. Editorial Presença, 2003.

Recebido para publicação em: 28/04/2012

Aceito em: 23/05/2012